



É preciso lutar, é possível resistir!

Em tempos duros, de crise e turbulência nas alturas, em que elementos reacionários se intensificam na realidade política nacional, as incertezas emergem no horizonte. No último período, vivenciamos a transição para uma conjuntura reacionária, com elementos bonapartistas no regime, escalada autoritária e retirada de direitos historicamente constituídos. Se somam ameaças às liberdades democráticas e à própria democracia, colocadas em risco diante do perigo da ameaça neofascista: nas urnas e nas ruas. A pergunta que não quer calar: como sobreviveremos ao governo Bolsonaro?

Primeiramente, alertamos para o fato de que a vitória eleitoral de Bolsonaro e o crescimento da extrema direita representam um fenômeno terrível. Se ainda não adentrarmos em um regime fascista, a vitória eleitoral de um fascista impulsiona o campo reacionário da extrema-direita e a escalada autoritária em patamar jamais imaginado. O sentimento de ódio de classe, de raiva da esquerda e dos movimentos sociais se generaliza em setores expressivos da sociedade. Isso faz com que, por vezes, naturalizem-se ações de barbárie como grupos de extermínio agredindo pessoas LGBTQs, negros, mulheres e militantes de esquerda.

O fenômeno do neofascismo, o fascismo do novo tempo, guarda profundas relações com a extrema-direita. Bolsonaro, representante eleitoral deste programa (e é bom lembrar que seu vice é ainda mais reacionário), surfou na onda reacionária e no antipetismo. Seu recado público foi claro durante o processo eleitoral: seus inimigos são a esquerda e o sindicalismo. Com uma cartilha ultrarreacionária contra os setores oprimidos e a esquerda militante,

incluindo declarações públicas favoráveis a tortura, dispõe de apoio velado a grupos de extermínio e a ditadura militar. Afinal, o neofascismo ganha força com o surgimento de facções e grupos paramilitares de agressão e extermínio terrorista, incluindo milícias armadas, impulsionados pela ideologia da extrema-direita.

Alguns desses grupos já estão invadindo universidades e institutos federais. Fortalecem-se com ações de endurecimento da PF e do Judiciário ao mandar recolher faixas de “Antifascismo” e “Em defesa da Democracia” em atitudes extremamente eleitoreiras e antidemocráticas. Ou seja, diante da ofensiva reacionária o judiciário tem fortalecido a ascensão do neofascismo. Essa corrente da extrema direita passou a adquirir audiência de massas no último período, saiu do subterrâneo da vida social. Ele encontra apoio, em grande medida, do mercado, à medida que aponta para o desmonte do Estado e das políticas sociais, na lógica ultra-neoliberal do privatismo e da subserviência ao imperialismo (a despeito do discurso nacionalista).

Nesse sentido, seu programa econômico encontra-se ainda mais à direita do que o neoliberalismo, posto seus elementos político-ideológicos. A crise econômica favoreceu sua emergência: um discurso reacionário para saída da crise. É preciso erguermos uma muralha contra a extrema direita, e na luta contra o fascismo somos todos camaradas! Não escolhemos nem fazemos exigências para quem lutará do nosso lado.

Nesse sentido, a defesa do campo democrático antifascista deve ser enaltecida nessas eleições. É preciso retomar o trabalho de base, correr às ruas, abraçar e se solidarizar

com aqueles que como nós vivem do próprio trabalho. Demonstramos que é preciso lutar, é possível resistir. Para quem acha que, pelo fato de ter eleito o inominável, tem agora sinal verde para ameaçar e oprimir está simplesmente demonstrando ter a inteligência tão curta como seu mito, e, tal como ele, precisa ser colocado no seu devido lugar.

A deputada Ana Caroline Campagnolo (PSL), que no mesmo dia da eleição queria já colocar em prática o PL da Mordança, está aprendendo que o buraco é mais embaixo do que ela supunha. Ganharam a eleição sim, mas não vão conseguir manter por muito tempo as máscaras. Nem de longe serão capazes de satisfazer as expectativas geradas. Não haverá diminuição da violência, não haverá saída para a crise econômica, muito menos combate à corrupção (todos esses problemas, aliás, aumentarão). O coiso e seus amigos não passam de uma continuidade mal disfarçada das mesmas pessoas e do mesmo programa do governo Temer. São seus verdadeiros tons de cinza.

Importante registrar que em todo Brasil manifestações e plenárias estão ocorrendo e a resistência cresce em defesa da democracia. O ato em São Paulo no dia 30/10 (terça-feira) mostrou muito bem que não aceitaremos pacificamente

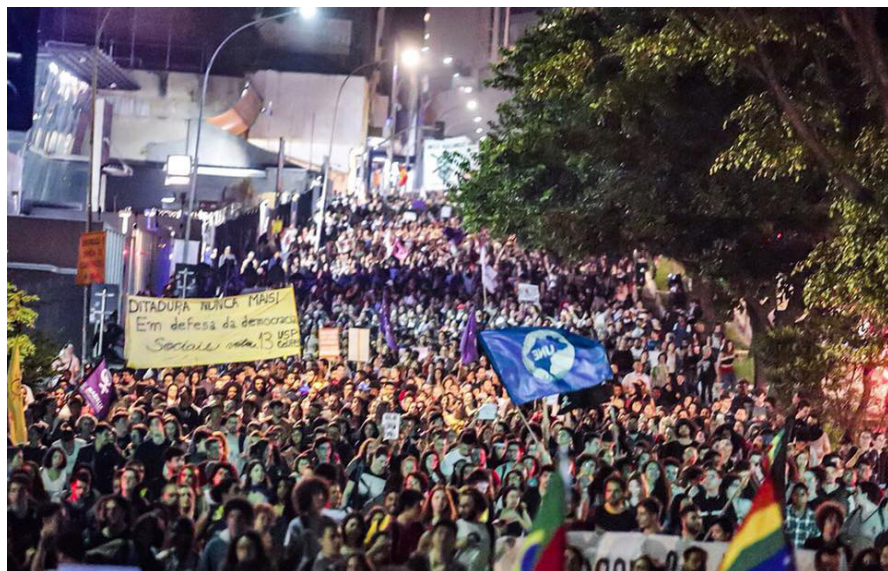
sermos atacados nos nossos direitos e nas liberdades democráticas. Lutas virão.

Nesta semana já pleiteiam votar e impor o Escola Sem Partido e, nas próximas semanas, acelerar a Reforma da Previdência. Para a Rede Federal querem impor seu desmonte e retirada de direitos: acabar com o ensino integrado, com o RSC para docentes, desestruturar a carreira dos TAE, privatizar a Rede Federal mediante os impactos da Reforma do Ensino Médio/BNCC. Os ataques não têm precedentes. Querem nos impor a mordança, a perda de estabilidade e ameaçar a nossa existência.

O medo não irá se impor ante a esperança. Precisamos nos encher de solidariedade e luta. Não desumanizarmos. Não perder a capacidade de nos indignarmos face a realidade. A indiferença é terreno da barbárie. O otimismo da vontade deve prevalecer sobre qualquer pessimismo da realidade. Nossa proteção subjetiva virá da capacidade de formarmos a mais ampla unidade de ação e solidariedade. Independente do cenário eleitoral que viermos a enfrentar, a dinâmica da luta de classes é muito mais ampla. E este terreno sempre foi decisivo. Estejamos unidos. Do lado certo da história. Os ataques serão profundos, mas nossa

resistência não pode tremer! Apenas assim arrancaremos alegria ao futuro, para lembrarmos do poeta Maiakovski.

Apenas poderemos enfrentar o neofascismo coletivamente, com ações organizadas. A dispersão e o medo são, neste momento, nossos elementos desagregadores. É hora de nos protegemos, e não de nos isolarmos. Por isso o SINASEFE dará uma batalha para que a próxima PLENA construa a mais ampla unidade de ação contra o neofascismo, e que se some com as demais entidades sindicais e da educação para construirmos espaços nacionais de unidade de ação e resistência. Afinal, o presente é de resistência e luta; o futuro nos pertence!



O que é o fascismo?

Não é só no Brasil destes dias que o termo “fascismo” voltou a permear o debate político. Em países europeus como Hungria, Polônia, Áustria e Itália, berço do fenômeno, a ascensão de políticos populistas de extrema-direita, com pendores nacionalistas e xenófobos, tem suscitado calorosas discussões sobre a conveniência ou não de se usar a palavra.

Com a Itália imersa no caos – à beira de uma guerra civil, com crise política, econômica e social, num momento em que o poder fugiu do controle do Estado – e à sombra da revolução russa de 1917 (temia-se que o comunismo chegasse também no país), o grupo fundado por Mussolini cresceu rapidamente.

Ainda em 1919, ocorreram ataques de brigadas fascistas – que depois se tornariam efetivamente milícias paramilitares – contra políticos de esquerda, judeus, homossexuais e órgãos da imprensa. Eles ficariam conhecidos como os “camisas negras”.

No final de 1921, nasceu o Partido Nacional Fascista (PNF), cujo símbolo era exatamente o “fascio litorio”. Menos de um ano depois, Mussolini assume o poder. Ele fortaleceu sua influência na Itália angariando o apoio de industriais, empresários e do Vaticano, e tornou-se referên-

cia para regimes autoritários mundo afora – Francisco Franco na Espanha, António Salazar em Portugal e, sobretudo, Adolf Hitler na Alemanha (que por muito tempo manteve um busto do Duce italiano em seu escritório) tiveram em Mussolini e no seu regime uma grande fonte de inspiração.

Origem e ascenso do nazismo



O Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores aparece em primeiro plano na cena política no final de 1923, por ocasião do assim chamado “Putsch da Cervejaria”, ou “Putsch de Munique”, quando Hitler e seus seguidores tentam um golpe contra o governo da Baviera. O levante fracassa rotundamente e o jovem Partido Nazista sofre uma dura repressão. Depois de passar cerca de um ano na prisão, onde escreve sua obra programática,

Mein Kampf (Minha Luta), Hitler começa um amplo e profundo operativo para recrutamento de novos membros, ao mesmo tempo em que busca formas de financiamento de suas atividades políticas e paramilitares.

Os membros do Partido Nazista vêm das pequenas cidades e são, em geral, pequeno-burgueses falidos e elementos “desclassados” da sociedade alemã, que se encontra mergulhada no caos do desemprego e da hiperinflação. No final dos anos 1920 o partido começa uma meteórica ascensão política, que também se expressa em resultados eleitorais. Os nazistas passam de cerca de 800 mil votos obtidos nas eleições de 1928 para o Reichstag, quando elegem 13 deputados, para mais de 6,4 milhões de votos, ocupando nada menos que 105 cadeiras no parlamento.

Já em 1932 saltam para a impressionante marca dos 13,7 milhões de votos no segundo turno das eleições presidenciais. Por outro lado, em novembro do mesmo ano, nas eleições parlamentares, sua votação sofre uma queda sensível, descendo para 11 milhões de votos, o que em termos de bancada no Reichstag significa a redução de 230 para 196 deputados. Os resultados obtidos nas eleições de novembro de 1932 indicam uma queda

na influência dos nazistas e revelam os limites de suas possibilidades eleitorais, ou, mais precisamente, a impossibilidade do nazismo chegar ao poder pela via eleitoral, uma vez que a maior parte do proletariado, que constitui a maioria da população, continua votando no SPD e no KPD, seus partidos tradicionais.

A derrota eleitoral de Hitler dá certo ânimo à classe operária, que começa a resistir ao nazismo de maneira espontânea, praticamente sem a direção de seus líderes. Em setembro de 1932 ocorre em Berlim uma greve do transporte, que paralisa completamente a cidade. Esse início de ascenso do movimento operário, aliado ao enfraquecimento eleitoral dos nazistas, se torna a principal preocupação da alta burguesia alemã, que, temendo uma nova onda revolucionária, adere em peso à ideia de um governo Hitler. O KPD e o SPD permanecem passivos.

Em 30 de janeiro de 1933, frente ao agravamento da crise nacional, o presidente Paul von Hindenburg nomeia Hitler chanceler, em substituição a Kurt von Schleicher. Em 27 de fevereiro de 1933 o prédio do Reichstag é incendiado. O fato é utilizado por Hitler para iniciar uma poderosa repressão contra os comunistas e outras forças do espectro político alemão. Através de uma coalizão com outras organizações de direita e com o apoio parlamentar do centro católico, Hitler aprova o assim chamado Ato de Habilitação ao Poder, que lhe permite governar com poderes ditatoriais e

eliminar vários direitos civis, antes garantidos pela Constituição de Weimar. Um após o outro, os partidos políticos são abolidos e todos os líderes, presos ou assassinados. A noite nazista, que duraria doze longos anos, finalmente desce sobre a Alemanha.

O Fascismo no Brasil

Estes acontecimentos não poderiam deixar de interferir aqui no Brasil. A luta de classes também se acirrava nestas terras, e desde os anos 20 era possível ver o crescimento de organizações de ultradireita e que flertavam com o fascismo no país. Podemos citar a Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista), o Partido Nacional Sindicalista, a Legião Cearense do Trabalho. Todos eram grupos com ações reduzidas às suas regiões, mas a partir de ações do paulista Plínio Salgado, estes grupos fundam em 7 de Outubro de 1932 uma organização de peso nacional, a Ação Integralista Brasileira (AIB).

A AIB de Plínio chegou a ter o ano de 1937 mais de um milhão de membros, sendo importante colocar que a população na época era de apenas 40 milhões de pessoas. Se trouxéssemos para os dias atuais, seria dizer que a AIB teria algo em torno de 6 milhões de pessoas em suas fileiras. Em seu primeiro congresso, no ano de 1934, os fascistas tinham 4 mil células de base espalhadas pelo território nacional. E dois anos depois, nas eleições de

1936, tiveram no país 250 mil votos, elegendo vereadores, prefeitos e até deputados estaduais.

A revoadada das galinhas verdes



Os integralistas começam a realizar uma série de ações, entre elas a tentativa de acabar com uma reunião da FUA (Frente Única Antifascista) que contava com cerca de mil participantes. Cada vez mais chegavam de várias partes do país notícias das agressões dos integralistas, o nível de tensão era tanto que um confronto parecia inevitável e cada vez mais próximo. A esquerda precisava dar uma resposta à altura.

Os integralistas notificam que realizariam no dia 7 de Outubro de 1934 uma grande marcha em São Paulo. A inspiração da AIB foi a Marcha sobre Roma, que os fascistas italianos, liderados por Mussolini, fizeram em 1922.

Desta forma a FUA buscou articular uma contramanifestação na mesma data e local do ato integralista. Sendo convocadas todas as organizações que faziam parte da frente, mais o PCB e o Socorro Vermelho.

Bolsonaro é ou não um neofascista?

Por: Valério Arcary, colunista do Esquerda Online



A ave de rapina não canta. A desgraça não marca encontro. A ignorância e o vento são do maior atrevimento.

Sabedoria popular portuguesa

Abriu-se um debate, inclusive na esquerda, se Bolsonaro é ou não um neofascista. Este debate não é um dilematismo. Exige rigor. Quais devem ser os critérios para a classificação de uma liderança política? É preciso ser muito sério quando estudamos nossos inimigos. Quem não sabe contra quem luta não pode vencer.

Evidentemente, a qualificação de qualquer corrente política ou liderança de ultradireita como, sumariamente, fascista é uma generalização apressada, historicamente, errada e, politicamente, ineficaz. O fascismo é um perigo tão sério que devemos ser serenos na sua definição. Toda a extrema-direita é radicalmente reacionária. Mas nem toda a extrema-direita é fascista. É necessário avaliar, ponderar, calibrar, qualificar com cuidado nossos inimigos.

Bolsonaro é um neofascista. Ou um fascista da etapa histórica em que vivemos, depois da restauração capitalista na ex-URSS e China. Enganam-se os que pensam que se trata de um exagero. Bolsonaro é perigosíssimo. Mesmo considerando que ainda não construiu um partido fascista em escala nacional. Mesmo considerando que a maioria dos seus eleitores não sejam fascistas. O que é qualitativo é que o núcleo dirigente está se formando.

Sim, o neofascismo não é uma cópia exata do fascismo. O fascismo foi pra o marxismo, essencialmente, a forma política da contrarrevolução diante do perigo da revolução europeia, quando a existência da URSS inspirava a causa dos trabalhadores. Todos os partidos fascistas defendiam a necessidade de um regime totalitário. A eliminação das liberdades democráticas dos regimes eleitorais era instrumental para destruir as organizações dos trabalhadores. Mas o fascismo italiano não era, exatamente igual ao nazismo alemão (obsessão antisemita), ou ao franquismo espanhol (pre-

servação formal da monarquia), e o salazarismo português (fanatismo católico) tinha, também, suas peculiaridades. Movimentos fascistas em muitas outras nações, inclusive no Brasil, o integralismo, existiram no mesmo período histórico. Mas, apesar de suas nuances, todos merecem a qualificação de fascistas.

Acontece que não estamos em uma etapa semelhante aos anos trinta do século passado, depois da catástrofe da Primeira Guerra Mundial, depois da vitória da revolução russa e da crise de 1929. Não estamos, desde a crise econômica mundial de 2008, diante dos “anos trinta em câmara lenta”. Não há perigo iminente de uma nova revolução de outubro. Não obstante, à escala mundial, assistimos ao reforço de uma extrema-direita nos últimos dez anos.

O neofascismo em um país periférico como o Brasil não pode ser igual ao fascismo de sociedades europeias dos anos trinta. Em primeiro lugar, porque não responde ao perigo de revolução. Responde à experiência de setores da classe média durante os

quatorze anos de governos de colaboração de classes do PT, e à estagnação econômica e regressão social dos últimos quatro anos, a maior da história contemporânea.

O antipetismo dos últimos cinco anos é a forma brasileira de antiesquerda, anti-igualitarismo, ou anti-comunismo dos anos trinta. Não foi uma aposta do núcleo principal da burguesia contra o perigo de uma revolução no Brasil. Até poucas semanas atrás a imensa maioria da burguesia apoiava Alckmin. Bolsonaro é um caudilho. Sua candidatura é a expressão de um movimento de massas reacionário da classe média, apoiado por frações minoritárias da burguesia, diante da regressão econômica dos últimos quatro anos.

Os modelos teóricos podem ser vários. Mais simples ou mais complexos. Com mais ou menos critérios. Eis um esboço ou uma sugestão de dez critérios:

1. **sua origem social;**
2. **o que fez ou trajetória;**
3. **o que defende: sua ideologia ou programa?**
4. **qual é o seu projeto político?**
5. **que relação manteve com as instituições, com o Congresso ou com as Forças Armadas, portanto, sua posição diante do regime político?**
6. **que relação manteve, respectivamente, com a classe dominante, e com a classe trabalhadora?**

7. **com que tipo de partido ou movimento é o seu instrumento de luta?**
8. **quem o apoia ou qual é sua base social, e a dimensão eleitoral de sua audiência;**
9. **quais são as suas relações e apoios internacionais;**
10. **de onde vem o dinheiro ou quais são suas fontes de financiamento;**



Seguindo este pequeno esquema, e considerando estes dez critérios, podemos concluir que:

1. A origem social de Bolsonaro é a pequena-burguesia plebeia. A procura de ascensão social rápida através de uma carreira de oficial no Exército não foi incomum, durante gerações, especialmente, entre eurodescendentes. Ela exigia um desempenho escolar inferior às carreiras de medicina, direito, engenharias nas Universidades

Públicas (além de oferecer um soldo desde o início), e oferecia como recompensa estabilidade, e uma remuneração, comparativamente, muito mais elevada que a de um professor de educação física. Esta origem de classe explica algumas das obsessões de Bolsonaro: o racismo rancoroso, o ressentimento social, o anticomunismo feroz, o nacionalismo suburbano, o fascínio pelo modo de consumo da classe média norte-americana, e o rancor anti-intelectual.

2. Não se deve julgar um líder político somente pelo que diz, mas pelo que ele faz.

A trajetória de Bolsonaro, durante os últimos quarenta anos, foi a de um oficial insubordinado delirante e, depois, de um deputado corporativista folclórico marginal no último degrau do “baixo cleró”. Bolsonaro nunca foi brilhante. Sempre foi um medíocre, um desafortado, na verdade, um boçal.

Bolsonaro está presente na luta política há trinta anos, e já acumulou seis mandatos de deputado federal. Mas não se pode compreender o lugar, qualitativamente, diferente que ocupa hoje sem analisar o papel da LavaJato desde 2014, e a apropriação histórica da bandeira anticorrupção por setores da classe dominante. Frações da burguesia brasileira já usaram essa bandeira em suas lutas intestina em 1954 para derrubar Getúlio Vargas, em 1960 para eleger Jânio Quadros, em 1964 para legitimar o golpe

militar, em 1989 para eleger Collor de Melo, e em 2016 para fundamentar o impeachment de Dilma Rousseff. Bolsonaro saiu da obscuridade nas mobilizações pelo impeachment entre 2015/16, quando a exigência de intervenção militar ganhou audiência entre dezenas de milhares dos milhões que saíram às ruas.

3. Bolsonaro responde à demanda de liderança forte face à corrupção no governo; de comando diante do agravamento da crise da segurança públi-

ca; de ressentimento diante do aumento do peso dos impostos sobre a classe média; de ruína de pequenos negócios diante da regressão econômica; de pauperização diante da inflação dos custos da educação, saúde e segurança privadas; de ordem diante das greves e manifestações; de autoridade diante do impasse da disputa política entre as instituições; de orgulho nacional diante da regressão econômica dos últimos quatro anos. Responde, também, à nostalgia das duas décadas da ditadura militar em franjas das classes

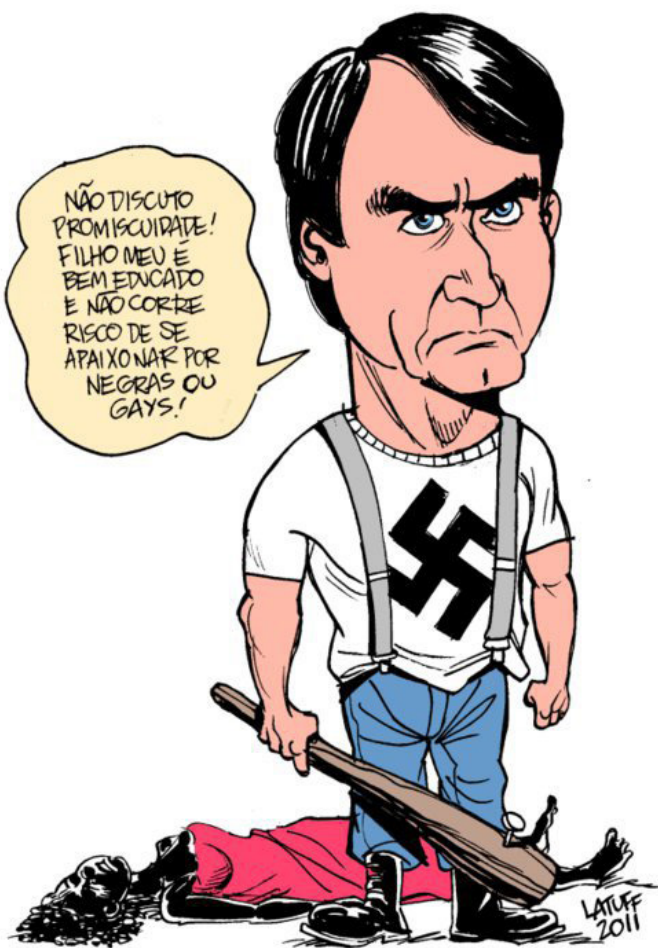
médias exasperadas. Não fosse isso o bastante, conquistou visibilidade dando expressão à resistência de ambientes sociais atrasados e reacionários à luta do feminismo, do movimento negro e LGBT, ou até dos ecologistas.

4. O projeto político de Bolsonaro é um regime bonapartista. Isto significa a subversão do regime semipresidencialista estabelecido nos últimos trinta anos. Bolsonaro expressa o repúdio desta classe média contra as conquistas sociais e democráticas da Constituição de 1988. Bonapartismo, derivado de Bonaparte, inspirado pelo modelo francês, significa um regime autoritário em que a presidência se eleva

acima das outras instituições, Congresso e Judiciário, e concentra poderes excepcionais, em nome da defesa da unidade da nação. Essa é a importância do slogan “Brasil acima de tudo”. Há vários tipos de bonapartismo. O projeto de Bolsonaro, apoiado na mobilização de um movimento de massas de desesperados, sugere o plano de um regime autoritário que, dependendo das condições da luta político-social, pode vir a adquirir formas semifascistas.

5. As relações de Bolsonaro com as instituições, tanto quanto é possível prever, indica uma forte representação das Forças Armadas e das polícias em seu possível governo. Bolsonaro não é um populista de direita como Trump. Não é, tampouco, somente um líder autoritário, que será, facilmente, neutralizado pela pressão dos principais chefes da classe dominante, depois de derrotar o PT nas eleições. Depois da vitória eleitoral, com uma provável maioria no Congresso para realizar as emendas que desejar na Constituição, e pleno suporte no Exército, Bolsonaro estará legitimado para o exercício do poder em condições que ninguém na presidência teve desde 1985.

6. Bolsonaro vem improvisando uma relação com a grande burguesia através da nomeação de Paulo Guedes como seu superministro da economia. Trata-se de uma improvisação que se acelera. O plano econômico apresentado é ultraliberal, com ênfase em



privatizações indiscriminadas e aceleradas, choque fiscal brutal, e ataque frontal aos direitos dos trabalhadores, começando por uma Reforma da Previdência. Sua estratégia é reposicionar o Brasil no mercado mundial ao lado dos EUA contra a China. Conta para isso com investimentos dos EUA no Brasil para sair da estagnação.

Esta estratégia é coerente com os planos estratégicos dos núcleos mais poderosos da burguesia interna, mas não pode ser aplicada sem que haja grande confronto social, porque não ocorreu, até agora, uma derrota histórica da classe trabalhadora brasileira. Uma derrota histórica acontece quando uma geração perde a confiança em si própria, e é necessário um intervalo histórico para que uma nova geração se coloque em movimento. Em 2015/16 o que aconteceu – o processo que cul-

minou com o golpe parlamentar que derrubou o governo Dilma Rousseff – não foi uma derrota histórica. O que vivemos foi uma inversão desfavorável da relação social de forças: uma derrota político-social. Mas a evolução da situação reacionária, se não for revertida, é uma ameaça seríssima.

7. Bolsonaro não se apoia em um partido fascista. Usou como instrumento eleitoral um partido de aluguel. Mas esta debilidade orgânica foi compensada, amplamente, pela mobilização de um movimento de massas. E não anula sua caracterização como neofascista. Ele poderá, se vencer as eleições, construir um partido a partir do controle do Estado. Já está lançada uma campanha de filiações ao PSL que anuncia a intenção de conseguir dezenas de milhões de filiados.

8. Evidentemente, a imensa maioria dos eleitores de Bolsonaro não é fascista. Mas isso não anula que ele seja neofascista. Tampouco quer dizer que um núcleo duro minoritário dos seus eleitores não seja fascista. O que define um movimento, em primeiro lugar, é a sua direção. A audiência alcançada por Bolsonaro já é grande e dinâmica o bastante para que esta corrente política seja, neste momento, a maior no Brasil.

9. Subestimar Bolsonaro, ou a capacidade de sua corrente se articular no terreno internacional seria um grave erro. Existe uma Internacional de extrema direita, ainda em formas embrionárias, sendo construída no mundo, com financiamento robusto de alguns grandes grupos econômicos, que respondem ao projeto de uma fração do capitalismo norte-americano de oferecer resistência à ascensão da China como potência protoimperialista.

10. O financiamento da campanha eleitoral de Bolsonaro permanece, essencialmente, obscura. No entanto, a potência de sua presença nas redes sociais sugere que há grupos empresariais seriamente engajados. Alguns destes grupos já são, amplamente, conhecidos.





CONSTRUINDO A RESISTÊNCIA: INFORME DAS ATIVIDADES DA SEMANA

O SINASEFE ESTEVE ENVOLVIDO NESTA SEMANA EM ATIVIDADES IMPORTANTES
PARA CONSOLIDAR A RESISTÊNCIA AO NEOFASCISMO NO NOSSO PAÍS.

Reunião do Fonasefe

Ameaçado a estar entre os primeiros setores a terem direitos atacados, os servidores públicos, organizados no Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Federais, se preparam para juntos construir a resistência. Neste momento a principal tarefa é realizar assembleias, debates e manifestações envolvendo os nossos servidores. Participar, com toda a energia, de plenárias regionais para construção de frentes pela democracia e atos unitários como os que ocorreram em São Paulo e no Rio de Janeiro em 30/11/2018.

Reunião das Centrais

O SINASEFE acompanhou a reunião das centrais sindicais que ocorreu no dia 01/12 (quinta-feira) na cidade de São Paulo. O principal acordo é que não vamos aceitar que os trabalhadores paguem os custos da crise e que se o governo colocar pra votar a Reforma da Previdência uma nova greve geral será convocada.



Reunião SINASEFE, Andes-SN, Fasubra, Une e Fenet

A ameaça da privatização da Educação Pública Federal é real, nós não estamos dispostos pra pagar pra ver, neste sentido, ações articuladas entre as entidades representativas da Educação Federal brasileira estão em curso.

Para fortalecer nossa unidade estão sendo construídas plenárias unitárias regionais dessas entidades e estamos estudando um encontro nacional em defesa da Educação Pública gratuita e de qualidade ainda para esse ano.

Escola Sem Partido

Empoderados com a vitória eleitoral do fascista Bolsonaro a Comissão Especial do Congresso Nacional que discute o famigerado projeto Escola Sem Partido (PL 7180/14) chamou uma reunião para aprovar definitivamente a proposição.

Valendo-se de recursos regimentais a bancada da oposição que defende uma Escola Democrática conseguiu barrar a votação, porém uma nova tentativa vai ocorrer.

O SINASEFE está articulando a reativação da Frente Nacional Escola Sem Mordança, e isso é urgente.

Expediente

Esta é uma publicação do SINASEFE. É autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo, desde que citada a fonte.
Plantonista responsável: David Lobão (Coordenação Geral).
Diretores de Comunicação: Lucrécia Iacovino e Michel Torres
Design Gráfico: Flávia Destri Garcia
Contatos: dn@sinasefe.org.br e imprensa@sinasefe.org.br
Acesse nosso site: www.sinasefe.org.br



Filiado à

